

AS BRASAS

SÁNDOR MÁRAI

As brasas

Tradução
Rosa Freire d'Aguiar

21ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1998 by Espólio de Sándor Márai
Vörösvary — Weller Publishing Toronto

Esta publicação contou com o apoio da Fundação Hungria do Livro

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

A gyertyák csonkig égnek

Traduzido da versão italiana *Le braci* de Marinella d'Alessandro

Capa

Raul Loureiro

sobre *Julgamento de Paris II*, 1987, óleo de Mark Tansey. Coleção Robert M. Kaye,
West Long Branch, New Jersey. Curt Marcus Gallery Inc., NY

Preparação

Antonio Carlos Olivieri

Revisão

Ana Paula Castellani

Beatriz de Freitas Moreira

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Márai, Sándor, 1900-1989

As brasas / Sándor Márai ; tradução Rosa Freire d'Aguiar. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2021.

Título original: A gyertyák csonkig égnek.

ISBN 978-65-5921-255-2

1. Ficção húngara I. Título.

21-88374

CDD-894.511

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura húngara 894.511

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

AS BRASAS

1.

De manhã o general esteve muito tempo na adega do vinhedo. Fora até lá antes do amanhecer, junto com o vinhateiro, porque dois barris de seu vinho haviam começado a fermentar. Quando terminou de engarrafá-lo e voltou para casa, já passava das onze horas. Sob as colunas do pórtico revestido de pedras úmidas cobertas de mofo, o couteiro o esperava e entregou uma carta ao patrão, que acabava de chegar.

“O que deseja?”, perguntou o general, parando com ar de enfado. Jogou para trás da cabeça o chapéu de palha de abas largas que até então deixava na sombra seu rosto avermelhado. Fazia anos que não abria nem lia cartas. A correspondência era aberta e selecionada por um empregado no escritório do intendente.

“Quem trouxe foi um mensageiro”, disse o couteiro, e ficou parado, em posição de sentido.

O general reconheceu a letra, pegou a carta e enfiou-a no bolso. Entrou no vestíbulo, protegendo-se do calor, e, calado, entregou ao couteiro a bengala e o chapéu. Remexeu no estojo dos charutos e dali tirou os óculos, encostou-se na janela e, na

semipenumbra, sob a luz que filtrava pelas frestas das persianas entreabertas, começou a ler a carta.

“Espere!”, ordenou, chamando o couteiro que ia se afastando para guardar a bengala e o chapéu.

Amassou a carta e a recolocou no bolso.

“Diga a Kálmán que prepare a carruagem para as seis horas. O landau, porque vai chover. Que vista a libré de gala. Você também”, disse com ênfase inesperada, como se alguma coisa o tivesse deixado furioso. “E que fique tudo brilhando. Comecem imediatamente a lustrar a carruagem e os arreios. Você se ponha de libré. Entendeu? E sente-se na boleia ao lado de Kálmán.”

“Entendi, excelência”, respondeu o couteiro sustentando o olhar do patrão. “Para as seis horas.”

“Vocês partirão às seis e meia”, disse o general, e começou a mexer os lábios em silêncio, como se estivesse fazendo cálculos. “Você se apresentará no hotel Águia Branca. Dirá apenas que fui eu que o mandei e que chegou a carruagem para o senhor capitão. Repita.”

O couteiro repetiu suas palavras. Nesse momento — como se quisesse acrescentar alguma coisa — o general levantou a mão e ergueu o olhar. Mas depois foi para o andar de cima sem dizer nada. O couteiro, imóvel em posição de sentido, seguiu-o com uma expressão de espanto, esperando que a figura atarracada de ombros largos desaparecesse atrás do balaústre de pedra, na curva do patamar da escada.

O general foi para seu quarto, lavou as mãos e aproximou-se da escrivaninha alta e estreita, coberta de pano verde manchado de tinta, onde estavam enfileirados o tinteiro, a pena e vários cadernos empilhados com cuidado, milimetricamente arrumados, desses cadernos de capa de pano encerado e quadriculado, usados pelos estudantes para seus deveres. No meio da escrivaninha, havia um abajur de cúpula verde: acendeu-o, pois o quarto

estava escuro. Atrás das persianas fechadas, no jardim sem viço e queimado pelo calor forte, o verão inflamava-se com suas últimas forças, como um incendiário que, na sua fúria alucinada, ateasse fogo a tudo antes de fugir para o fim do mundo. O general tirou a carta do bolso, alisou com cuidado a folha de papel e, sob a luz forte, com os óculos no nariz, leu mais uma vez aquelas breves linhas bem retas, escritas com letra pontuda. Cruzou as mãos nas costas e prosseguiu a leitura.

Na parede havia um calendário com números enormes. Catorze de agosto. O general jogou a cabeça para trás e começou a contar. Catorze de agosto. Dois de julho. Calculava o tempo transcorrido entre um dia distante e o dia de hoje. Quarenta e um anos, disse enfim a meia voz. De uns tempos para cá, falava em voz alta em seu quarto mesmo quando estava sozinho. Quarenta anos, disse em seguida, perplexo. Enrubesceu como um jovem estudante que se sente perdido diante das dificuldades de um dever complicado, jogou a cabeça para trás e fechou os olhos lacrimejantes de velho. Acima da gola do paletó cor de milho, via-se seu pescoço vermelho e inchado. Dois de julho de 1899, foi essa a data da caçada, murmurou. E então emudeceu. Apoiou os cotovelos na escrivaninha, meditativo como um estudante que repassa as lições, e voltou a fixar os olhos na carta, naquelas poucas linhas escritas à mão. Quarenta e um anos, disse afinal com voz enrouquecida. E quarenta e três dias. Foi esse o tempo que passou.

Começou a andar de um lado para o outro, como se já tivesse serenado. O cômodo tinha o teto abobadado, com uma coluna de sustentação no meio. Antigamente, ali eram dois aposentos, um dormitório e um toucador. Muitos anos antes — agora só raciocinava em termos de décadas, não gostava dos números exatos, como se qualquer número lhe recordasse algo que era melhor esquecer — ele mandara derrubar a parede entre os

dois aposentos. Só ficou de pé a coluna em que se apoiavam as abóbadas. O castelo fora edificado duzentos anos antes; quem o construiu foi um fornecedor do exército que vendia aveia para a cavalaria austríaca e mais tarde obtivera o título de príncipe. A construção datava dessa época. O general nascera ali, naquele quarto. Na época, o aposento dos fundos, o mais escuro, cujas janelas davam para o jardim e para as dependências de serviço, era o quarto de sua mãe, enquanto o outro, mais claro e arejado, era o tocador. Algumas décadas antes, quando ele se transferiu para essa ala do edifício e mandou demolir a parede divisória, os dois quartos acabaram se tornando um espaço amplo e mal iluminado. Havia dezessete passos de distância entre a porta e a cama. E dezoito passos entre a parede que dava para o jardim e o terraço. Contara-os diversas vezes, sabia com exatidão.

Como um doente acostumado afinal às dimensões espaciais de seu mal, vivia naquele aposento, que parecia construído sob medida para ele. Passavam-se anos sem que fosse à outra ala do castelo, onde havia uma fileira de salões verdes, azuis e vermelhos com lustres dourados. Lá, as janelas davam para o parque, para os castanheiros-da-índia que na primavera, com suas florescências rosadas e sua exuberância verde-escura, debruçavam-se sobre as sacadas. Defronte da ala sul do castelo, as árvores plantadas formavam, pretensiosamente, um semicírculo ao longo das balaustradas de pedra sustentadas por anjinhos gorduchos. Quando saía, o general ia apenas à adega do vinhedo ou ao bosque, ou então — toda manhã, mesmo no inverno, mesmo quando chovia — ao riacho das trutas. De volta ao castelo, subia para seu quarto passando pelo vestíbulo e fazia suas refeições lá em cima.

“Então ele voltou”, disse, agora em voz alta, no meio do quarto. “Quarenta e um anos. E quarenta e três dias.”

E vacilou, como se pronunciando essas palavras tivesse esgotado suas forças, como se só agora se desse conta do tempo

infinito que significavam quarenta e um anos e quarenta e três dias. Sentou-se na velha poltrona de couro de espaldar alto. Sobre a mesinha, ao alcance da mão, havia uma campainha de prata: tocou-a.

“Mande Nini subir”, disse ao mordomo. E acrescentou educadamente: “Diga-lhe que lhe peço para subir”.

Não se mexeu, ficou sentado assim, com a campainha de prata na mão, até Nini chegar.